



Novos Cadernos NAEA

v. 21, n. 3, p. 253-268, set-dez 2018, ISSN 1516-6481 / 2179-7536

Estudo sobre o bairro Lagoinha em Belo Horizonte (MG - Brasil). Entre a tradição, a decadência e a cracolândia: “crônica de uma morte anunciada?”

Study on Lagoinha neighborhood in Belo Horizonte (MG - Brazil). Between tradition, decadence and cracolândia: “Chronicle of a foretold death?”

Nayara de Amorim Salgado – Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: nayaradeamorim@hotmail.com

Bráulio Figueiredo Alves da Silva – Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do departamento de Sociologia da UFMG. E-mail: braulio.fas@gmail.com.

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre a Lagoinha, tradicional bairro de Belo Horizonte, localizado na região central a partir de uma pesquisa qualitativa baseada na técnica da observação participante e tem como objetivo a compreensão do processo de transformação do bairro. Por meio do resgate de sua história, constatou-se a importância do bairro, que foi alvo de várias intervenções do poder público em função da malha viária da área central e da estruturação do transporte público metropolitano, e, com os anos passou por um processo de decadência que, recentemente, vem se manifestando, de forma marcante, pela degradação e também pela apropriação de seu espaço por usuários de crack. A apreensão da realidade do lugar se deu a partir de suas representações e apontam para mudanças em sua dimensão simbólica.

Abstract

The article proposes a reflection on Lagoinha, a traditional neighborhood of Belo Horizonte, located in the central region based on a qualitative research based on participatory observation technique and aims to understand the transformation process of the neighborhood. Through the rescue of its history, it was verified the importance of the neighborhood, which was the target of several interventions of the public power in function of the road network of the central area and the structuring of the metropolitan public transport, and, with the years passed through a process of decay that has recently been manifesting itself in a remarkable way by the degradation and also by the appropriation of its space by users of crack. The apprehension of the reality of the place took place from its representations and point to changes in its symbolic dimension.

Palavras-chave

Sociologia Urbana. Bairro Lagoinha. Patrimônio Cultural. Decadência Urbana.

Keywords

Urban Sociology. Lagoinha Neighborhood. Cultural Heritage. Urban Decay.

INTRODUÇÃO

Tem-se aqui uma análise sobre a formação de espaços urbanos de usos do crack no bairro da Lagoinha, região central de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Brasil. A Lagoinha apresenta-se atualmente como um ambiente degradado, o que compõe um tema de estudo relevante por gerar impactos negativos para a cidade e se constituir como um problema urbano, já que a desordem contribui para a decadência do território e o aumento da criminalidade.

A expansão e o reconhecimento da existência do fenômeno das cracolândias se colocam como desafio tanto para as áreas da saúde quanto segurança pública, e não menos importante, para os planejadores urbanos. Indubitavelmente, a partir da originalidade das informações sobre o bairro Lagoinha e suas transformações ao longo do tempo, o texto serve de fonte de referência empírica sobre uma das mais conhecidas territorialidades de uso de crack do Brasil.

O texto caracteriza o processo pelo qual o bairro da Lagoinha passa, da boemia à cracolândia. Inicia-se com um histórico da formação do bairro boêmio e as principais transformações em seu espaço físico e cultural durante o século XX. Logo após analisa-se o impacto da chegada do crack na cidade de Belo Horizonte, nas proximidades de seu território, o que altera drasticamente aquele cenário onde a convivência com o uso e o tráfico dessa droga se tornou rotina.

1 SOBRE O SURGIMENTO DO BAIRRO LAGOINHA

A cidade de Belo Horizonte foi planejada para abrigar a nova capital do estado de Minas Gerais, em substituição da colonial Ouro Preto, sendo inaugurada em 1897. O bairro Lagoinha nasceu junto à capital Belo Horizonte e, no traçado original da cidade, está localizado na área suburbana. Muito próximo a uma pedreira e das glebas agrícolas, o bairro emergiu para “fazer nascer a bela cidade” (LEMOS, 1996, p. 157). O bairro foi designado Lagoinha devido ao córrego¹ de mesmo nome que havia em seu território e a região recebeu suas primeiras ocupações antes da inauguração da cidade, ocorrida em dezembro de 1897 (MACHADO; PEREIRA, 1997).

A ocupação do bairro estudado ocorreu de forma “desorganizada”, com ruas tortuosas que destoavam da ordem estabelecida no centro da cidade planejada, embora esteja em uma área contígua à área urbana. Assim, foi um dos primeiros grandes núcleos populosos da cidade, abrigou os operários construtores de Belo Horizonte, vindos de todo o estado de Minas e também imigrantes italianos,

¹ O córrego da Lagoinha foi canalizado sob a avenida Antônio Carlos.

portugueses e alemães. A proximidade do bairro com o centro da cidade e com a linha de trem levou muitas pessoas a se acomodarem em pensões nesse território, de forma que, na medida em que a cidade crescia, formou-se na Lagoinha uma área da boemia, dotada de muitos bares e de uma vida noturna bastante agitada (MACHADO; PEREIRA, 1997).

Inicialmente, a região do bairro Lagoinha abrangia os bairros do Bonfim, Santo André, Colégio Batista, São Cristóvão; com isso, até os dias atuais, a Lagoinha é conhecida como “região da Lagoinha” em referência aos bairros vizinhos. É também porta de acesso para as comunidades da Pedreira Prado Lopes e Vila Senhor dos Passos, que são importantes para a definição das características singulares do bairro.

Segundo Lemos (1996, p. 45), “o bairro [Lagoinha] é marcado pela ideia de um passado feliz”. Havia os times de futebol de várzea, como o Clube Fluminense, o Terrestre e o Áustria, além do Campo de Futebol Pitangui. O bloco carnavalesco Leão da Lagoinha e a Escola de Samba Surpresa eram famosos por marcarem os pontos de lazer e recreação no bairro nas suas primeiras décadas de existência. Outro traço importante foi o forte caráter religioso do lugar, marcado pelas procissões, festas de santos, celebrações de casamentos e missas, além de ritos fúnebres. Assim, tal autora afirma que “ao som da banda, no seio das festas juninas e do reisado, sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, nasceu no bairro uma estrutura de sentimento que oscilava entre a inocência do campo e o vício da cidade grande” (LEMOS, 1996, p. 45).

Contudo, a vida no lugar era fortemente pontuada pelo bucolismo e pela tradição, apesar da boemia, com isso os traços religiosos e folclóricos eram compartilhados por todos os grupos, sendo que as famílias conformavam estreitos laços de boa vizinhança, apesar de conviverem no bairro grupos socialmente distintos, cuja ocupação oscilava entre os núcleos familiares mais tradicionais e aqueles voltados mais para a boemia que desfrutavam da vida noturna (CARNEIRO, 2001). Nesse sentido, autores como Freire (2009) o denominou de “Lapa Mineira”, pois existiam casas de prostituição, muitos bares, restaurantes, cinemas, clubes de dança que eram pontos tradicionais de encontro de boêmios e artistas, cenário que correspondia à região da Lapa no Rio de Janeiro.

Em um estudo sobre a territorialidade da prostituição em Belo Horizonte, Andrade e Teixeira (2004) afirmam que o fenômeno particular do desvio, caracterizado pela prostituição, provocou no Lagoinha uma significativa mudança de famílias para outros bairros, dando início a um movimento de flagelação comunitária na Lagoinha - primeiros sinais de desordem social de acordo com a teoria das janelas quebradas e perda de coesão social, outro elemento da teoria

da eficácia coletiva. Ainda segundo Bernardes e Borsagli (2014), por ser o reduto da boemia e do meretrício, o bairro, na segunda metade do século XX, passou a ser visto como um entrave não só no desenvolvimento residencial, comercial, econômico, além da rede viária, como também em relação à moral e aos bons costumes da época, apesar de ser frequentado por pessoas pertencentes a todas as camadas sociais de Belo Horizonte.

De acordo com Lemos (1996), a Lagoinha teve ambiências interiores até a década de 1980 e o seu quadro urbanístico apresentava uma realidade diferente da que possui atualmente. Na região pericentral houve uma tendência de intensificação da verticalização, contudo o bairro Lagoinha não seguiu essa tendência, que vem perdendo população e convive com a ausência de renovação; realidade que impulsiona um bairro caracterizado pela decadência, com edificações descaracterizadas e uma paisagem fragmentada devido às intervenções urbanas. Dessa forma, as características estruturais desse lugar e o comportamento desviante tornaram-se elementos constituintes de um ambiente “socialmente desorganizado” que impede o estabelecimento ou a manutenção de consenso interno relativo a valores, normas e regras formais entre seus membros. Ainda para Lemos (1996, p. 136), “o Lagoinha já nos anos oitenta não é mais a mesma, as pedras soterradas no lugar foram e ainda estão sendo retiradas uma a uma”.

O bairro, devido a sua área de localização, sempre sofreu com os impactos da expansão da capital Belo Horizonte e, desde a década de 1930, vem sofrendo grandes interferências em sua extensão, principalmente com as intervenções viárias, que acabaram por desfigurar o seu patrimônio. Desde a década de 1940, a Lagoinha teve várias áreas demolidas com vistas à expansão viária. Nas décadas de 1950 e 1960, houve a implantação de atividades de maior porte no bairro Lagoinha: estruturas como mercados, hospitais e escolas. A partir da década de 1970, acentuam-se os problemas de congestionamento do trânsito e a constatação de que a avenida Antônio Carlos já não atendia à demanda do fluxo intenso de tráfego. Assim, já na década de 1980, o bairro foi palco da construção de viadutos, denominados “Complexo Viário da Lagoinha”, que gerou a retirada da feira dos produtores do bairro e várias demolições em sua área.

Segundo Aguiar (2006), essa região perdeu população ao longo da década de 1970, mas o poder público acreditava em sua recuperação em virtude da grande concentração de investimentos públicos na construção do complexo viário. Contudo, acentuou-se o processo de descaracterização do bairro e sua organização social também foi se alterando. Machado e Pereira (1997, p. 38) afirmam que nesse processo alguns setores da imprensa se encarregaram de anunciar o que chamavam de “a decadência da Lagoinha”, pois “a Lagoinha está

morrendo”, a Lagoinha é “um bairro fantasma”, ou “vamos salvar a Lagoinha”. Recentemente, a região da Lagoinha passou ainda por intervenções ligadas à Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo FIFA 2014, onde foram realizadas ações em toda a cidade para a realização de tais eventos.

Por tudo isso que foi dito, entende-se que as políticas de “modernização” não levaram em consideração a existência de formas de organização social existentes na Lagoinha e consideraram a região como degradada. As obras públicas que marcaram o início do processo de descaracterização do bairro, ocasionaram a desvalorização econômica e cultural, um esvaziamento do bairro devido às inúmeras desapropriações realizadas, além da degradação dos espaços públicos do entorno e a perda de importantes referenciais simbólicos que constituíam a identidade do bairro. Tudo isso contribui para uma reorganização social no local.

O bairro da Lagoinha, pela Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do solo², tem seu zoneamento definido como “Zona de Adensamento Restrito”³, ou seja, região com restrições para ocupação, que, por infraestrutura inexistente ou deficiente ou por questões ligadas à articulação viária e das condições topográficas, tem a ocupação desestimulada. Esta lei trata o bairro Lagoinha como área de importância cultural e econômica para a cidade, garantindo ao bairro proteção como patrimônio cultural, com a preservação de sua paisagem urbana (FREIRE, 2009).

Para a proteção do patrimônio foi criada uma Área de Diretrizes Especiais (ADE), que se constitui como instrumento de preservação de áreas referenciais para a população, que mereçam legislação específica. No caso do bairro Lagoinha, o objetivo seria, por exemplo, definir o perímetro de tombamento do conjunto urbano, indicação de subáreas para tratamento urbano diferenciado e requalificação dos imóveis degradados; como também a proposição de medidas de incentivo e/ou flexibilização de parâmetros urbanísticos que contribuam para requalificação urbana, entre outros⁴. No entanto, a ADE Lagoinha ainda não foi regulamentada e não prevê política de proteção para o bairro. O cenário que se apresenta atualmente demonstra que o local passa ainda por processos que continuam a alterar seu espaço físico e patrimonial sem preservá-lo. De acordo com Freire (2009), embora tenham existido algumas iniciativas, estas não supriram as carências do bairro e não deram conta do peso histórico que lhe

² O zoneamento referente ao bairro, descrito no Anexo II da Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo é denominada ZAR- 2 – Zona de Adensamento Restrito (BELO HORIZONTE, 1996, Lei n. 7.166, cap. II, art. 8º).

³ A Zona de adensamento restrito tem como parâmetros urbanísticos o coeficiente de aproveitamento = 1, quota de terreno de 45 m² por unidade habitacional, taxa de permeabilização de 20%, altura máxima na divisa de 5m.

⁴ Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

é atribuído. Assim, o Lagoinha como um bairro tradicional e antigo que tem grande relevância cultural para a história e memória da cidade, é ainda um local onde as intervenções do poder público não corresponderam à sua importância. A falta de atuação mais direta das políticas públicas enfraqueceu o reconhecimento dessas ações por parte dos moradores e ao mesmo tempo a própria imagem do bairro como patrimônio cultural para a comunidade local. Embora seja um bairro tradicional, é também próximo do centro e tem uma peculiaridade que é a moradia de menor custo e a oferta de imóveis para alugar o que favorece a rotatividade de pessoas no bairro (ANDRADE; ARROYO, 2012).

Assim, nesse artigo, o bairro da Lagoinha é entendido em sua condição de liminaridade, ou seja, um território cujos atributos são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição faz com que se furtem ou escapem “à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural” (TURNER, 1969, p. 117). O conceito sugere a ideia de transição, de um intervalo entre o encerramento de uma situação e o início de outra. Trata-se de uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente. Ainda, conforme explica Sartin (2013), a liminaridade é uma forma expressiva que os atos culturais assumem, possibilitando a criatividade e a transformação, pois se pode induzir o estranho a se tornar familiar e o contrário também, demonstrando o funcionamento das normas sociais. E são nas margens então que a norma é ilustrada, visibilizada, além de ser onde os hábitos são esclarecidos e o inconsciente é posto em questão.

Conforme pretendemos demonstrar, apesar de ainda possuir uma centralidade na cidade de Belo Horizonte, com certa visão de utopia, a Lagoinha sofre as consequências de um processo longo de desleixo e deterioração física e social que deu uma nova realidade ao bairro caracterizado por ser uma cracolândia a céu aberto.

2 HORIZONTES DO CRACK: A CHEGADA DE UMA NOVA DROGA À CAPITAL MINEIRA

Como demonstramos anteriormente, o bairro da Lagoinha, que nasceu junto à construção da capital, passou por diferentes processos sociais durante sua história, desembocando em uma realidade que remete a traços ligados a drogadição e desorganização social. Segundo Saponi, Sena e Silva (2010), o tráfico de drogas na capital mineira era composto até por volta do ano de 1995 pela venda de maconha e cocaína, e, a partir desse ano, em que data a entrada do

crack na cidade, ocorre uma alteração nesse mercado. O crack que chega a Belo Horizonte era vindo de São Paulo e começou a ser comercializado na Pedreira Prado Lopes, a mais antiga favela da cidade, e fisicamente muito próxima ao bairro Lagoinha.

Confirmando a tese, Beato Filho et al (2001), ao analisarem a existência de conglomerados de homicídios e tráfico de drogas na cidade de Belo Horizonte, contribuem para o entendimento do que aconteceu em áreas da cidade, inclusive na região da Lagoinha, e não foram fatos aleatórios. Para os autores, um dos conglomerados de destaque é composto pelos bairros Lagoinha, São Cristóvão, Centro, Pedreira Prado Lopes, Concórdia, Floresta, Bonfim e o Colégio Batista, que apresentou uma taxa anual relativamente alta de homicídios, contando com 22,6 casos por 100 mil habitantes. Os dados sugerem que os conglomerados estão relacionados a bairros e favelas em que parece prevalecer o tráfico de drogas, principalmente naquelas em que o vilão é o crack.

Se, por um lado, esses estudos realizados por Beato Filho et al (2001), bem como outro conduzido por Saporì, Sena e Silva (2010) corroboram para a conexão entre o tráfico de drogas, em especial o crack, e o recrudescimento de homicídios, não se pode ignorar o fato de que esses fenômenos sociais possuem uma forte relação espaço-temporal no interior da cidade. Tal fato se mostra de grande relevância para esse estudo, pois ajuda a entender a questão da emergência e estabilidade da cracolândia na região da Lagoinha. Neste ponto, chamamos a atenção para a possibilidade de análise do surgimento desse tipo de fenômeno social, com base nas questões teóricas da ecologia humana e desorganização social.

Da mesma maneira, como o crack começou a ser comercializado na Pedreira Prado Lopes, limítrofe com o bairro da Lagoinha, pela proximidade das “bocas de fumo”, o bairro passou a compor um local de aglomeração dos usuários dessa droga, influenciando uma mudança nas sociabilidades no local. Argumentamos que o bairro, dado as suas características, se assemelhava à ideia de “áreas naturais” (PARK, 1952), uma vez que reunia as condições “ideais” para tal.

Recentes estudos consideram elementos da desordem social e física e avaliam sua relação com decadência urbana e o aumento do crime. Assim, esse paradigma tem como base a ideia de que o crescimento das cidades de forma desorganizada seria gerador de um ambiente mais propício para o desenvolvimento de desvios. Entende-se que a desorganização social acontece com o “decréscimo das regras sociais de comportamento existente sobre os membros individuais de um grupo” (BURSIK, 1988 apud SILVA, 2004), ou seja, trata-se de um processo que acontece na medida em que as regras e normas em

vigor na sociedade são ignoradas ou desobedecidas, gerando modificações no contexto social. Conseqüentemente, as ações que levam à degradação de certas áreas urbanas não estão ligadas somente à distribuição de capital econômico, mas são processos mais complexos, onde contam também com as dinâmicas comunitárias, combinadas a políticas urbanas e de segurança inadequadas, entre outros processos sociais (CARNEIRO, 2012).

Dessa forma, regiões socialmente degradadas produziram os ingredientes necessários à ocorrência de crimes. Assim, as características estruturais desses “lugares” e o comportamento desviante tornam-se elementos constituintes de um ambiente “socialmente desorganizado”. O elevado índice de desordem pode influenciar pessoas honestas a mudarem do lugar ou a se isolarem em suas casas, por exemplo, além do que, esse efeito da insatisfação tem relação com os componentes que promovem eficácia coletiva na área, que são a vigilância social informal, coesão social e confiança mútua entre vizinhos. Com isso, o retraimento da vida comunitária mina o desenvolvimento dos residentes e sua predisposição para intervir em comportamentos que abalam a ordem social local.

3 CENAS URBANAS: O BAIRRO LAGOINHA NA ATUALIDADE

Com base em dados do censo demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, o bairro da Lagoinha contava com 3.810 moradores e 2.397 domicílios particulares, apresentando-se como um bairro de médio porte, se relacionado a outros da cidade, contando, porém, com um ambiente degradado. Os imóveis dessa região, em sua maioria, destinam-se ao uso comercial, com raras exceções para o uso misto, em que antigos sobrados ainda abrigam moradores nos andares superiores.

O enquadramento de notícias publicadas nos jornais mineiros, em que destacam o crack como principal problema da região, são indicativos da realidade do bairro da Lagoinha, na atualidade.

Crack no caminho da avenida. Escombros nos canteiros de obras da Antônio Carlos se transformam numa nova cracolândia (RHIENCK, 2009, grifo nosso).

Cracking BH – principais pontos do tráfico de crack na Lagoinha. O tráfico de crack e suas implicações na comunidade. O crack está tomando conta da região da Lagoinha em Belo Horizonte (Jornalismo Online UniBh, 20 set. 2010, grifo nosso).

Lagoinha: um bairro tomado pelo crack. Não existe hora ou lugar para o consumo e a venda da pedra e a presença tímida da polícia parece não intimidar os viciados (Jornal da Alterosa, 20 set. 2011, grifo nosso).

Crack se espalha por BH em novos endereços. Ações policiais e sociais reduzem o movimento no entorno do IAPI, mas viciados migram para outros viadutos e ruas da Região Noroeste e do Centro de BH. Viaduto do congo: na Avenida Antônio Carlos, pelo menos 30 viciados utilizavam o “abrigo” para acender cachimbos. Metrô Lagoinha: Debaixo da marquise de concreto, que deveria fornecer sombra aos usuários do Restaurante Popular I, cinco usuários de crack estão acampados na Avenida do Contorno (KIEFER; LOPES, 2012, grifo nosso).

Moradores da Lagoinha e Conjunto IAPI pedem soluções para criminalidade na região. Número de moradores de rua e usuários de drogas é crescente. [...] a região sempre conviveu com moradores de rua, mas atualmente o uso do crack e o porte de armas brancas os tornaram mais perigosos e ameaçadores (Site Câmara Municipal de Belo Horizonte, 07 de novembro de 2013, grifo nosso).

País tem 1,3 milhão de viciados em crack. Esse número pode ser ainda maior se contarmos quem está nas ruas, em cracolândias, como no entorno do Conjunto IAPI, na região da Lagoinha, em Belo Horizonte. As políticas públicas para ajudar os usuários a largar a pedra são tímidas, insuficientes, esbarram em obstáculos da lei e na falta de vontade dos viciados (Jornal da Alterosa, em 21 de maio de 2014, grifo nosso).

Viciado em crack vaga há quatro anos pelo Bairro Lagoinha, em BH. Na Pedreira Prado Lopes, pedras de crack são vendidas a R\$ 10. A proximidade com o tráfico fez do entorno do aglomerado o maior ponto de consumo em Belo Horizonte. Ao cair da noite, homens e mulheres, cachimbo na mão, descem do morro para o lugar que se convencionou chamar de cracolândia (KIEFER, 2015, grifo nosso).

Cracolândia aumenta sensação de insegurança no Bairro Lagoinha. Que quem mora, estuda ou trabalha nas imediações do hospital Odilon Behrens, no Bairro Lagoinha, Região Noroeste de BH, não esconde o medo e a aflição em ter que passar próximo ao local conhecido como “cracolândia da Lagoinha”. A sensação da população é que aumenta a cada dia o número de usuários de drogas na região. O constrangimento em ver ‘verdadeiros zumbis’ andando pelas ruas e os constantes assaltos são as principais reclamações (Jornal Itatiaia, em 28 de setembro de 2015, grifo nosso).

Programas públicos não conseguem conter expansão do consumo de crack em BH. **Câmera em ônibus vai monitorar pontos de uso de drogas.** Ônibus caracterizados e com videomonitoramento são a aposta da Polícia Militar no combate ao uso de drogas no São Cristóvão e Lagoinha, Noroeste de BH, e no Santa Mônica, em Venda Nova (GALDINO, 2016, grifo nosso).

Olho Vivo, polícia e profissionais da saúde não inibem ações na antiga cracolândia de BH. (...) faz parte do cotidiano de comerciantes e moradores da região, que até hoje ainda é conhecida como a cracolândia de Belo Horizonte. Por lá, um sem número de pessoas vagam pelas ruas e, sem o menor constrangimento, acendem cachimbos para fumar pedras de crack (MORENO; MARIANO, 2017, grifo nosso).

Em debate, políticas municipais contra o crack e outras drogas. Atenção à população de rua e plano de intervenção da PBH no Complexo da Lagoinha serão alguns dos temas em pauta. O uso abusivo de drogas em Belo Horizonte está cada vez mais visível aos olhos dos moradores da capital, tanto no Complexo da Lagoinha, região que abriga diversas cenas de uso de crack, quanto em outras áreas da cidade (Site Câmara Municipal de Belo Horizonte, 07 de maio de 2018).

Adicionalmente, realizou-se um estudo exploratório, de natureza qualitativa, durante o período de abril de 2016 a junho de 2017 e se valeu de um conhecimento aprofundado dos lugares de interação da população sob estudo e da compreensão etnográfica das suas características e dinâmica. Para tanto, foram realizadas visitas ao bairro, em dias e horários aleatórios, para realização da observação da cena e realização de entrevistas semiestruturadas. Para este artigo, foram selecionados trechos considerados relevantes de cerca de dez narrativas coletadas nesse período.

Uma primeira inserção no bairro permite notar certas características físicas do local, ruas e becos. Os imóveis de certa parte apresentam paredes descascadas, pixadas, com cartazes e lambe-lambes promocionais, além de frequentes marcas de fogo, oriundas das fogueiras confeccionadas pelos moradores de rua e usuários de drogas durante a noite. Quanto às condições de preservação do patrimônio imobiliário, há muita descaracterização de edifícios históricos, com o uso indevido de letreiros ou painéis de propaganda, reformas que interferem no estilo arquitetônico dos prédios, situações especulativas ou de abandono, onde se observam vários edifícios em ruínas⁵.

Em decorrência desse abandono por parte de moradores, muitos casarões danificados, espaços de casas demolidas, ruas e praças passaram a ser utilizados como local de práticas recorrentes de tráfico e consumo de crack. Em vários espaços públicos têm-se a presença de atores sociais marginalizados, traficantes, profissionais do sexo e demais indivíduos que fazem uso de crack (muitos deles homens, mulheres e meninos em situação de rua). A presença desses novos personagens transformou a paisagem urbana em um espaço de tal maneira peculiar que nem as intervenções da prefeitura, nem a ação policial, realizada nos últimos anos, conseguiram abafar. Chegando-se ao bairro pela estação do metrô, avistam-se mendigos, catadores de papel e usuários de drogas perambulando, debaixo dos viadutos, em meio ao lixo e casas improvisadas. Seus barracos

⁵ Um importante exemplar da participação italiana na arquitetura de Belo Horizonte, que é a Casa da Loba, construída na década de 1920 por Octaviano Lapertosa, está atualmente descaracterizada e pouco restou da belíssima residência em estilo neoclássico

improvisados, roupas, cobertores, alguns cercam provisoriamente os cantos com lonas, papelões, tecidos, formando lugares de privacidade.

Com relação a sua rede de comércios e serviços, tem-se um quadro geral de estagnação. Os antiquários ainda permanecem, mas a qualidade das mercadorias é heterogênea, sendo que a rua Itapecerica abriga inúmeros deles, alguns presentes no bairro desde seus primórdios, outros que se instalaram há pouco tempo. As lojas de sucatas se espalham por diversas partes do bairro, mas sua concentração ocorre em pontos estratégicos, em ruas que dão acesso ao bairro e esquinas movimentadas, compram todo tipo de velharia feito de ferro, aço, cobre, latão e outros, como nos quarteirões próximos à praça Vaz de Melo, onde há galpões conhecidos como “ferro-velho”. Com isso o bairro fica dotado de uma subutilização que para Lemos (1996) transforma o local em um amplo setor de “depósito do centro” da cidade e dificulta a deflagração de um processo de dinamização econômica e recuperação urbana.

Inegavelmente, o bairro assiste a um processo que o deixa ilhado do restante da cidade, fato que favorece sua degradação. Mesmo ao lado do centro da cidade, parece distante, devido aos espaços especiais constituídos pelos viadutos, avenidas, estação e outros que são como barreiras (CARDOSO, 2015). O bairro é cercado por uma sobreposição de zonas de fronteiras que acabaram por dificultar a relação do bairro com o centro ou com bairros ao seu redor, de forma que as vias de conexão com o bairro são a passarela de pedestres que liga a estação Lagoinha a rodoviária e ao baixo centro ou a travessia da Avenida Antônio Carlos, em direção aos bairros Concórdia e Floresta. Essas vias acabam como impedimentos à livre circulação, já que em determinados horários, principalmente à noite, os problemas com a falta de segurança acirram a situação. As vias de trânsito rápido que passam dentro e ao entorno do bairro, geram a sensação de desconforto e dificuldade para transitar ali, sendo que essa tensão provém do ordenamento do espaço urbano que tem que conviver com o espaço público e os espaços especiais que são encontrados no – agora – pequeno bairro, tão perto e tão longe do centro da cidade de Belo Horizonte.

Apesar de todos esses problemas, parte dos entrevistados tenderam a valorizar o bairro, afirmando pontos positivos, como os anos de moradia no lugar dentre outras características positivas. Quando indagados sobre os problemas relacionados à segurança, a tendência foi minimizar os problemas locais ou colocá-los como parte do aumento da violência da cidade como um todo, como se pode ver na entrevista a um dono de restaurante do bairro: “Claro que tem pontos de droga aqui, como em todos os lugares da cidade. Tem roubo, tem violência como em toda cidade”.

Durante esta pesquisa de campo, foram observadas intervenções urbanas no bairro, a grande parte do tipo estrutural com vistas a melhorar a mobilidade urbana de veículos. Nesse sentido, os entrevistados assinalaram como nula ou quase nula a atuação do poder público no bairro, alguns reafirmam ainda a ideia de que os projetos modernizadores, durante toda história do bairro, sempre se centraram no sistema viário, deixando de lado a vida do bairro. As casas antigas que estão em mau estado de conservação e lotes vagos foram apontadas como item negativo do bairro, principalmente aquelas abandonadas que tem a possibilidade de serem utilizadas por usuários de drogas. Sobre os espaços públicos locais, foi relatado que são poucos ou que não existem e ainda foram relatadas situações que demonstraram que a relação dos usuários de crack entre si e com os próprios moradores é conflituosa, sendo que esses se apresentam mais intimidadores, quando estão sob o efeito da droga.

Nota-se que as casas contam, em sua maioria, com sistemas de segurança, alarmes, grades e portões trancados com vistosos cadeados. Os entrevistados relataram muitos problemas relacionados à segurança pública. Um guardador de carros, atuando num nível local, informou sobre o trânsito de usuários de droga durante o dia: “passam pedindo, roubando transeuntes, ameaçam quando negam ajuda”. Outro morador afirmou como ponto negativo do bairro a presença dos usuários de drogas e ladrões, a quem culpabilizou pelo fato do bairro deixar de ser calmo: “essas ruas a noite ficam cheias de usuários de drogas. Nos grupos de usuários de drogas, eles matam quase todo mês uma pessoa”.

Dessa maneira, essas e outras passagens das entrevistas realizadas indicam as muitas narrativas relacionadas ao consumo e tráfico de crack na região e suas consequências, que são contadas com muita naturalidade pelos entrevistados, demonstrando que essas situações compõem o cotidiano do lugar, o que evidencia um processo de naturalização do problema da drogadição no lugar.

Por todo o bairro, pode-se observar a presença de mendigos, pedintes, usuários de drogas, imagens que se confundem entre si. A característica sempre presente ao falar dos usuários de crack, é a degradação física. Os “corpos abjetos” de acordo com Rui (2012), são presentes e demonstram a todo o tempo, mesmo que em graus diferentes, a exposição a situações de risco. Os trapos de roupas, a sujeira da pele, a demência e às vezes, a tristeza aparente de alguns, assusta.

Corroborando com os dados estudados, as entrevistas também reafirmam a existência de novas referências na modernidade para a região da Lagoinha: lugar de trânsito, de passagem, de embarque e desembarque, ligação para os pontos da cidade, espaço da estação, dos trilhos do metrô, dos viadutos, das avenidas e dos automóveis, do crack e da cracolândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A degradação de certos locais da cidade é um processo construído socialmente, afetado pelas configurações da comunidade, pelas políticas urbanas e de segurança pública, inadequadas ou insuficientes e que têm efeitos diretos e negativos sobre a comunidade, como a diminuição da confiança interpessoal e da capacidade de cooperação e o enfraquecimento dos mecanismos informais de controle social. Entende-se assim que a desordem física e social são recursos importantes para o acontecimento de desvios e crimes, pois refletem a ecologia das áreas urbanas e produzem situações favoráveis à sua ocorrência.

A investigação sobre os mecanismos que se antecedem e relacionam desordem e crime permite melhor articular uma resposta à criminalidade que vai além do recurso ao sistema de justiça criminal e da adoção de leis, abrindo novos caminhos para a participação da administração pública local na gestão das políticas de segurança pública. A dinâmica de fatores ambientais na distribuição de desvios e crimes nos espaços das cidades tem sido cada vez mais utilizada, tanto para reflexão da atividade criminosa, como para o desenvolvimento de estratégias de prevenção situacional. Conclui-se reforçando a importância das pesquisas, produção e sistematização de dados sobre abuso de drogas, que são fundamentais para o reconhecimento da realidade social e que podem servir como base para ações governamentais, para o direcionamento de intervenções em conjunto com a comunidade acadêmica, sociedade e governo além da desmistificação acerca da problemática.

Na Lagoinha, são visíveis os sinais de decadência, como a degradação que culminou com a ocupação dos usuários de drogas. Surge assim a necessidade de intervenções no local ligadas às políticas de proteção ao patrimônio para revitalização do espaço e também medidas de saúde pública para promover o apoio aos usuários de crack presentes no bairro. Percebe-se que apesar de suas características marcantes, o bairro Lagoinha vivencia um processo que requer cuidados, no atual contexto, “sua escritura sugere imagens desfocadas e, ao mesmo tempo, fortes sinais de que a vida prevalece” (LEMOS, 1996, p. 157).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. F. R. de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. 2006. 445f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ANDRADE, L. T. de; ARROYO, M. A. (Org.). **Bairros pericentrais de Belo Horizonte**: patrimônio, territórios e modo de vida. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

ANDRADE, L. T. de; TEIXEIRA, A. E. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 11, 2004.

BEATO FILHO, C. C.; ASSUNÇÃO, R. M.; DA SILVA, B. F. A.; MARINHO, F. C.; REIS, I. A.; DE MATTOS ALMEIDA, M. C. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. Homicide clusters and drug traffic in Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n 5, p. 1163-1171, 2001.

BELO HORIZONTE. Lei nº 7.166, de 27 de agosto de 1996. Estabelece normas e condições para parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no município. **Diário da Câmara**. Belo Horizonte: Câmara Municipal, 1996. Disponível em: <<https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-legislacao/lei/7166/1996>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

BERNARDES, B. M.; BORSAGLI, A. A metamorfose de uma paisagem: a construção, o apogeu e o processo de descaracterização do bairro Lagoinha. **Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2014.

CARDOSO, J. M. Tão perto e tão longe: os mapas de movimento como representação espacial das barreiras de acesso ao bairro da Lagoinha em Belo Horizonte. **Módulo Arquetetura CVC**, Nova Iorque, v. 14, n. 1, p. 55-71, 2015.

CARNEIRO, M. L. F. de A. **Um olhar sobre a Lagoinha**. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2001.

CRACKING BH: principais pontos do tráfico de crack na Lagoinha. **Jornalismo Online UniBh**, Belo Horizonte, 20 set. 2010. Disponível em: <<http://jounibh.wordpress.com/2010/09/20/cracking-bh/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

CRACOLÂNDIA aumenta sensação de insegurança no Bairro Lagoinha. **Jornal Itatiaia**, em 28 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.itatiaia.com.br/noticia/cracolandia-aumenta-sensacao-de-inseguranca-no-bairro-lagoinha>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

EM DEBATE, políticas municipais contra o crack e outras drogas. **Site Câmara Municipal de Belo Horizonte**, em 07 de maio de 2018. Disponível em:

<<https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2018/05/em-debate-pol%C3%ADticas-municipais-contra-o-crack-e-outras-drogas>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

FREIRE, C. M. P. **Cotidiano, memória e identidade**: o bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz de seus moradores. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GALDINO, R. Programas públicos não conseguem conter expansão do consumo de crack em BH. **Hoje em Dia**, em 25 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/horizontes/programas-p%C3%BAblicos-n%C3%A3o-conseguem-conter-expans%C3%A3o-do-consumo-de-crack-em-bh-1.352809>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

KIEFER, S. Viciado em crack vaga há quatro anos pelo Bairro Lagoinha, em BH. **Portal Uai**, 12 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/08/12/interna_gerais,434005/viciado-em-crack-vaga-ha-quatro-anos-pelo-bairro-lagoinha-em-bh.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2016.

KIEFER, S.; LOPES, V. Crack se espalha por BH em novos endereços. **Portal Uai**, 02 de abril de 2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/04/02/interna_gerais,286660/crack-se-espalha-por-bh-em-novos-enderecos.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2016.

LAGOINHA: um bairro tomado pelo crack. **Jornal da Alterosa**, Belo Horizonte, 20 set. 2011. Disponível em: <http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna_id_sessao=7&id_noticia=61311/noticia_interna.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2016.

LEMOS, C. B. A Lagoinha e suas imagens - a refiguração do seu presente. **Cadernos de Arquitetura e urbanismo**, Belo Horizonte, n. 4, p. 121-160, 1996.

MACHADO, H. G.; PEREIRA, M. de L. D. A recuperação da Lagoinha dentro de uma nova concepção de política urbana. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 36-49, out. 1997.

MORADORES da Lagoinha e Conjunto IAPI pedem soluções para criminalidade na região. **Site Câmara Municipal de Belo Horizonte**, em 07 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2013/11/moradores-da-lagoinha-e-conjunto-iapi-pedem-solu%C3%A7%C3%B5es-para-criminalidade>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

MORENO, B.; MARIANO, R. Olho Vivo, polícia e profissionais da saúde não inibem ações na antiga cracolândia de BH. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 24 de maio de 2017. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/horizontes/olho-vivo-pol%C3%ADcia-e-profissionais-da-sa%C3%BAde-n%C3%A3o-inibem-a%C3%A7%C3%B5es-na-antiga-cracol%C3%A2ndia-de-bh-1.466957>>. Acesso em: 24 maio 2017.

PAÍS tem 1,3 milhão de viciados em crack. **Jornal da Alterosa**, em 21 de maio de 2014. Disponível em: <<https://www.alterosa.com.br/2014/05/21/pais-tem-13-milhao-de-viciados-em-crack-2/>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

PARK, R. E. **Human ecology**. human communities: the city and human ecology. New York: Free Press, 1952.

RHIENCK, C. CRACK no caminho da avenida. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 4 set. 2009. Disponível em: <<http://int-pub-coletivo-brenda-1sem-2011.blogspot.com/2011/03/crack-no-caminho-da-avenida.html>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

RUI, T. **Corpos abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SAPORI, L. F.; SENA, L. L.; SILVA, B. F. A. Mercado do crack e violência urbana na cidade de Belo Horizonte. In: SAPORI, L.F.; MEDEIROS, R. (Orgs.). **Crack**: um desafio social. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas; 2010. p. 37-66.

SARTIN, P. D. Sobre liminaridade: relendo Victor Turner em chave pós-estrutural. **Revista de Teoria da História**, Goiânia: v. 3, 2013.

SILVA, B. F. A. da. **Coesão social, desordem percebida e vitimização em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

TURNER, V. W. **O processo ritual**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1969.

Texto submetido à Revista em 10.01.2018
Aceito para publicação em 05.10.2018